

GREG KING E SUE WOOLMANS

O ASSASSINATO  
DO  
ARQUIDUQUE

Sarajevo, 1914, e o romance que mudou o mundo

Tradução  
Luís Santos

  
casadasletras



# ÍNDICE

Prefácio por Sofia von Hohenberg .....	13
Nota dos autores .....	15
Lista de personagens.....	19
Introdução.....	27
Mapa do Império Austro-Húngaro em 1900.....	41
Árvore genealógica da família Habsburgo.....	43
Árvore genealógica da família Hohenberg e Chotek.....	45
Prólogo	
<i>Viena, janeiro de 1889</i> .....	49
Um	
<i>À sombra do trono</i> .....	59
Dois	
<i>Aventura e doença</i> .....	75
Três	
<i>Romance</i> .....	91

Quatro	
«Um triunfo do amor» .....	108
Cinco	
«Ela que não pense que é uma de nós!» .....	129
Seis	
<i>A vertigem dos boatos</i> .....	144
Sete	
<i>As atitudes atenuam-se</i> .....	157
Oito	
«Konopischt era o nosso lar» .....	179
Nove	
«Nem a morte nos vai separar!» .....	199
Dez	
<i>Um imperador em formação</i> .....	211
Onze	
<i>Diplomacia e rosas</i> .....	227
Doze	
«Para mim, a guerra é de loucos!» .....	245
Treze	
<i>O convite fatal</i> .....	258
Catorze	
<i>A conspiração</i> .....	272

Quinze	
«Começo a apaixonar-me pela Bósnia» .....	286
Dezasseis	
<i>Dia de São Vito</i> .....	298
Dezassete	
«A angústia foi indescritível» .....	315
Dezoito	
<i>Unidos na morte</i> .....	334
Dezanove	
<i>A caminho do esquecimento</i> .....	348
Vinte	
<i>Ondas de Sarajevo</i> .....	364
Epílogo .....	391
Agradecimentos.....	415
Notas .....	421
Bibliografia .....	459
Biografia dos Autores.....	479



# UM

## À sombra do trono

No início de 1889, longe do encanto de uma Viena abafada pela neve, um jovem magro e pálido de olhos azul-claros desfrutava dos seus prazeres. A partir dos seus aposentos luxuosos no Castelo Hradschin de Praga, juntava-se aos camaradas do 102.º Regimento de Infantaria da Boémia nos seus jantares, aos oficiais locais nas suas receções barulhentas, e aos aristocratas obsequiosos nos salões de baile rococó. Detestava a atenção desmedida e o escrutínio constante que a sua posição enquanto arquiduque austríaco, sobrinho do imperador Francisco José, acarretava, mas não tinha como fugir disso. O berço nobre encurralara Francisco Fernando numa gaiola dourada de privilégios e obrigações.

Estava então com vinte e cinco anos de idade, tendo cabelo castanho-claro penteado com um risco ao meio perfeito e um arrojado bigode fino típico da cavalaria, mas Francisco Fernando nunca ultrapassara a aura de delicadeza frágil herdada da sua falecida mãe. O seu pai, o arquiduque Carlos Luís, era robusto quanto bastasse, com os mesmos olhos claros e um rosto determinado encoberto por suíças pendentes. Era sempre educado; cortês, inteligente e refinado, não tinha, segundo as palavras de uma dama, «nada da arrogância dos Habsburgos»<sup>1</sup>. Contudo, as

amabilidades não conseguiam disfarçar a realidade. Carlos Luís tinha poucos interesses além da religião e das artes e ciências. Depois de um breve período como governador-geral do Tirol, arrastou-se pelos deveres militares e políticos sem qualquer interesse, até que pudesse regressar à sua vida privada.

A delicada primeira esposa de Carlos Luís, a princesa Margarida da Saxónia, morrera em 1858, dois anos após o casamento. A noiva número dois chegou em 1862; tratava-se da princesa Maria Anunciata, filha do falecido rei Fernando II de Nápoles e das Duas Sicílias, um homem que ficara conhecido como «La Bomba» depois de ter bombardeado os súbditos rebeldes para os obrigar a submeter-se. A princesa, com dezanove anos na altura, de cabelo escuro e esbelta, não herdara a paixão fervorosa do pai e viria a revelar-se tão delicada como a falecida Margarida. Os médicos diagnosticaram-lhe tuberculose no espaço de um ano. Os seus pulmões fracos obrigaram o casal a mudar-se para Graz, onde se esperava que o ar montanhoso a ajudasse a fortalecer a saúde frágil.

«Graz é agradável», pensou o arquiduque; «dispõe dos benefícios de uma cidade maior sem as desvantagens correspondentes.»<sup>2</sup> Aí, no Palais Khuenburg alugado, o casal esperou pelo nascimento do seu primeiro filho. A criança chegou às sete e um quarto da manhã de 18 de dezembro de 1863. O arcebispo de Seckau batizou nessa tarde o menino. Sofia, a mãe de Carlos Luís, observou o avô e bisavô arquiduque Francisco Carlos anunciar os nomes: Francisco Fernando Carlos Luís José Maria. O primeiro honrava o falecido avô austríaco do rapaz, o imperador Francisco I; o segundo, o infame avô materno, o rei Fernando II de Nápoles e das Duas Sicílias.<sup>3</sup>

Seguiram-se mais filhos: Otto, em 1865; Fernando Carlos, em 1868; e Margarida Sofia, em 1870. A infância de Francisco Fernando foi despreocupada e confortável. A família passava

os invernos num luxuoso palácio vienense, a primavera e o outono numa cabana de caça remota, e verões idílicos no castelo Artstetten, a mais de cem quilómetros de Viena, perto da famosa abadia beneditina de Melk, no vale do Danúbio.<sup>4</sup> Contudo, faltava uma coisa. Cada vez mais doente e exausta, Maria Anunciata não passava de um fantasma na vida dos filhos. Receando poder infetar os filhos e a filha, proibiu-os de lhe tocarem, beijarem ou mesmo de passarem tempo com ela. Sendo praticamente uma estranha na sua própria casa, Maria vivia isolada, enfraquecendo com o passar dos anos, até que finalmente a morte a reclamou em maio de 1871, aos vinte e oito anos de idade.<sup>5</sup>

Francisco Fernando tinha apenas sete anos quando a mãe faleceu. Não terá sido completamente inesperado, mas de certeza que sentiu a sua falta e a chorou; todos concordavam que o jovem arquiduque era uma criança curiosa, recatada, calada e introspectiva, embora seja um mistério se esse temperamento terá sido devido à morte da mãe. Felizmente para Francisco Fernando e seus irmãos, em breve chegou ao lar uma influência nova e, no geral, mais firme. Duas vezes viúvo e com quatro filhos para criar, Carlos Luís esperou apenas dois anos até se casar pela terceira vez, em julho de 1873. A sua nova noiva, Maria Teresa, era filha do exilado rei D. Miguel I de Portugal. Enquanto Maria Anunciata fora frágil e taciturna, Maria Teresa era robusta, animada e bela, com um cabelo escuro e olhos brilhantes que faziam dela uma das mais adoráveis princesas europeias.<sup>6</sup> Ainda mal fizera dezoito, era quase vinte anos mais nova do que o marido. Carlos Luís fora um marido dedicado, paciente e carinhoso para as duas primeiras esposas, mas algo mudou com Maria Teresa – pelo menos segundo se diz. Talvez se devesse à diferença de idades, ou ao facto de os jovens oficiais não ocultarem os olhares de admiração na corte, mas, ao

que parece, o arquiduque deixou de ser um marido compreensivo, tornando-se um tirano severo, atormentando a esposa e dando-lhe uma vida, regra geral, miserável.<sup>7</sup>

Quer as histórias sejam ou não verdadeiras, Maria Teresa *teve* realmente um grande impacto na nova família. Nunca fez qualquer distinção entre as suas duas filhas com Carlos Luís, as arquiduquesas Maria Anunciata, nascida em 1876, e Isabel, nascida em 1878, e os quatro enteados. Apenas oito anos mais velha do que Francisco Fernando, Maria Teresa deu-lhe e aos irmãos algo que eles nunca tinham tido: uma mãe. Pela primeira vez havia amor e carinho maternal.<sup>8</sup> Para Francisco Fernando, ela era simplesmente «Mama», e ele era o seu «Franzi».

O jovem Francisco Fernando precisava da atenção. Desde pequeno que fora delicado e incerto, e as primeiras impressões nem sempre foram favoráveis. «Franzi estava de mau humor», comentou o tio, o imperador Francisco José, ao conhecer o pequeno de três anos em 1866, «mas fala muito bem».<sup>9</sup> Todos percebiam como ele parecia introvertido, quão distante Francisco Fernando era, mesmo com os irmãos. Fernando Carlos e as irmãs eram demasiado jovens para serem verdadeiros companheiros, e mesmo sendo mais novo, Otto eclipsava-o. Otto era melhor cavaleiro do que o irmão mais velho, era excelente nas aulas de esgrima, e era animado, por oposição ao temperamento reservado de Francisco Fernando. Otto adorava barulho, enquanto Francisco Fernando preferia empreendimentos solitários: longas caminhadas, passeios solitários numa carroça puxada por burro, ler e brincar sozinho com os seus coelhos de estimação.<sup>10</sup> A caça tornou-se a sua grande paixão. Passava horas sozinho na floresta, a observar e à espera de uma oportunidade para testar as suas competências. Aos nove anos matou o primeiro animal, inaugurando o que viria a tornar-se um extraordinário

recorde de troféus selvagens. «Imagino como estarás, satisfeito!» escreveu o primo, o príncipe herdeiro Rodolfo.<sup>11</sup>

A formação também não ajudou Francisco Fernando a sair da casca. À semelhança de muitos outros príncipes, ele ficava isolado numa sala de aulas do castelo e era ensinado por preceptores, estando privado do contacto com outros rapazes e sujeito a um regime rigoroso que durava desde a manhã até à tarde, seis vezes por semana e só com algumas folgas esporádicas. O conde Fernando Degenfeld, um antigo e prosaico oficial do exército, supervisionava as aulas baseadas num currículo carregado com aritmética, alemão, gramática, ciência, geografia, história, literatura e religião.<sup>12</sup>

Não surpreende que um arquiduque da família conservadora católica que eram os Habsburgos tivesse uma educação adequadamente conservadora, onde se suprimiam as opiniões contrárias e se promoviam visões reacionárias. Tais preocupações orientavam as lições de história do professor Onno Klopp, intolerantes e míopes. As políticas liberais, os riscos do pensamento moderno e os alertas quanto à crescente ameaça prussiana contra a missão divina da monarquia dos Habsburgos formavam a base de tais lições. Klopp receava de tal maneira que as ideias contrárias pudessem influenciar o seu aluno que chegou literalmente a reescrever os manuais de história do jovem arquiduque, pretendendo eliminar todos os conceitos políticos indesejáveis e perniciosos.<sup>13</sup>

A formação religiosa reforçava tais noções. Gottfried Marschall, um sacerdote ligado à casa de Carlos Luís, dava aulas de história católica e de dogma eclesiástico. Embora muitas vezes descrito como sendo um homem de tendências liberais, Marschall era um indivíduo profundamente conservador, cujos sermões enfatizavam os futuros deveres religiosos do arquiduque enquanto Habsburgo católico.<sup>14</sup> Francisco Fernando facilitou

a tarefa: já em menino era invulgarmente devoto, fascinado pelos rituais da igreja, passando horas nas sombras das capelas do palácio para se deixar preencher pela atmosfera de misticismo inebriante<sup>15</sup> A devoção pessoal e os sermões de Marschall deixaram a sua marca. Para Francisco Fernando, a religião implicava muito pouca introspecção; a sua fé católica sanava as grandes questões filosóficas, e não via motivo para pôr em causa os dogmas e a sabedoria da Igreja. No entanto, era também, em grande medida, isento de intolerância religiosa. Francisco Fernando acreditava que demasiadas pessoas eram falsas na sua fé. Quem praticava a sua religião com óbvia piedade era sempre merecedor da sua admiração. «Afim de contas, é isso que interessa», comentou certa vez. «É de somenos importância que sejam cristãos ou muçulmanos.»<sup>16</sup>

O alemão era a primeira língua de qualquer arquiduque Habsburgo, mas também tinha aulas de francês, inglês, checo e magiar. A maior parte desses esforços fracassaram com Francisco Fernando. «A falta de talento para as línguas era peculiar», pensava um dos ministros do Governo. Dominou razoavelmente o francês, mas o inglês permaneceu sempre uma língua esquiva. Por vezes parecia competente, mas acabava sempre atrapalhado, em busca de vocabulário. O pior de tudo foi a língua húngara, extremamente difícil. Francisco Fernando teve aulas de húngaro durante toda a vida, mas nunca conseguiu ser fluente.<sup>17</sup>

As tardes eram preenchidas com ginástica, equitação, natação, esgrima e dança; à noite, Carlos Luís dava aulas de história da arte e pedia sessões informativas a inventores, escritores, poetas, músicos e cientistas.<sup>18</sup> Mais tarde teve aulas de história militar, manobras navais, arquitetura e engenharia; o futuro primeiro-ministro austríaco Max Vladimir Beck ensinou direito civil e constitucional.<sup>19</sup> Nada fora deixado ao acaso, mas o efeito geral foi confuso. A formação fez de Francisco Fernando um

jovem equilibrado, com conhecimentos aceitáveis em muitos temas, mas compreendendo bem apenas uns poucos. Detestava aritmética e literatura, gostava de história e, acima de tudo, adorou os breves estudos de arquitetura.<sup>20</sup> Os preceptores queixavam-se habitualmente de que o jovem arquiduque parecia lento, carecia de concentração e passava os dias ensimesmado, em vez de se dedicar às aulas.<sup>21</sup> Talvez alguma da culpa pertencesse ao sistema bastante enfadonho, mas ninguém podia cometer o erro de considerar Francisco Fernando um académico. Tinha os dias tão cheios de atividades que «tudo era confuso». Como resultado, ele «aprendera tudo e não sabia nada»<sup>22</sup>.

O destino de Francisco Fernando parecia traçado inevitavelmente desde o nascimento: formação, uma carreira militar e talvez alguns deveres cerimoniais em nome do imperador. Havia poucas hipóteses de vir a chegar ao trono. Afinal de contas, o tio Francisco José ainda estava vivo; o primo, o príncipe herdeiro Rodolfo, continuava solteiro e sem dúvida viria a casar-se com uma consorte adequada que lhe daria herdeiros; e o pai, Carlos Luís, estava à sua frente na sucessão imperial. A formação de Francisco Fernando nem sequer concebia essa possibilidade. Teria uma vida agradável, confortável e dedicada ao engrandecimento da dinastia dos Habsburgos, com poucas oportunidades de explorar interesses pessoais ou de abrir caminhos que se afastassem demasiado da tradição.

Acabou por ter uma oportunidade inesperada aos doze anos. O duque exilado Francisco V de Modena, arquiduque de Áustria-Este, morreu sem herdeiros. No seu testamento de quinhentas páginas, o duque deixou toda a sua fortuna considerável e inúmeras propriedades ao herdeiro Habsburgo que pudesse conjugar o título de Este com o seu e dar prosseguimento à linhagem. Como o filho estava numa posição muito baixa na linha de sucessão, Carlos Luís julgou que a alteração de

nome pouca importância teria e apresentou Francisco Fernando como herdeiro. O jovem arquiduque não ficou satisfeito por juntar «Este» ao título, mesmo que na altura parecesse uma mera inconveniência. Afinal de contas, tratava-se de um título italiano, e Francisco Fernando partilhava a antipatia da madrasta pelo país que ainda há pouco tempo se unificara à custa de territórios dos Habsburgos. Mais tarde viria a sentir-se ressentido com o título de arquiduque de Áustria-Este, achando que o título italiano o destacava como sendo uma espécie de estrangeiro entre os Habsburgos. Uma outra situação tinha relevância mais imediata: para receber a herança, Francisco Fernando teria de desenvolver as suas competências em italiano no espaço de um ano. Sendo um linguista medíocre, ele debateu-se com as aulas, aprendendo italiano quanto bastasse para satisfazer as exigências do testamento quando fosse interrogado pelos executores.<sup>23</sup>

O jovem Francisco Fernando era agora, pelo menos teoricamente, um dos arquiduques mais abastados. A herança Este incluía a famosa Villa d'Este renascentista, próxima de Roma, o Castello del Catajo quinhentista, situado perto de Pádua, o Modena Palais de Viena, a propriedade de Chlumetz, na Boémia, bem como outras propriedades, a par de uma vasta coleção de armas, armaduras e tesouros artísticos.<sup>24</sup> Parecia promissor, mas Francisco Fernando viria mais tarde a descobrir que as provisões testamentárias o deixavam de mãos atadas. Eram indubitavelmente mais-valias, mas estas eram ultrapassadas pelas obrigações financeiras. Não era possível vender nada, e os encargos anuais com os familiares Este, as pensões dos criados reformados e a manutenção das variadas propriedades excediam os rendimentos obtidos pelo arquiduque.<sup>25</sup>

Pelo menos as forças armadas garantiram uma boa recompensa aquando do final da educação formal de Francisco Fernando. O jovem arquiduque ficou entusiasmado quando, em

1878, o imperador elevou o sobrinho a tenente honorário num regimento de infantaria. As promoções honorárias e as comissões militares deram finalmente os seus frutos concretos em 1883, quando foi promovido a tenente do 4.º Regimento de Dragões da Cavalaria do Imperador Fernando, estacionado em Enns.<sup>26</sup> «Sou um oficial de corpo e alma», declarou orgulhosamente. «Para mim, essa profissão é a mais nobre e mais elevada do mundo.» Começava a desenvolver aquela que era a única carreira aceitável para um arquiduque.<sup>27</sup>

A entrada para o exército marcou um ponto de viragem importante para o até então protegido arquiduque. Francisco Fernando era cauteloso com tudo o que fazia. Isso fora-lhe ensinado desde o nascimento: enquanto príncipe, era um homem à parte dos outros, os quais procurariam obter os seus favores e atraí-lo para amizades indiscretas para ganhos próprios. Deveria ser afável mas não familiar, honesto mas reservado. Tudo o que fizesse iria refletir-se na dignidade da dinastia; para um arquiduque Habsburgo, os erros e os lapsos de julgamento autorizados aos oficiais vulgares seriam pecados mortais contra o imperador.

Francisco Fernando não era, nem pelo temperamento nem por tendência, o tipo de jovem divertido e despreocupado que fizesse amigos rapidamente e que se misturasse com facilidade em situações sociais pouco familiares. Embora se tivesse saído bem nas forças armadas, ele parecia distante e intolerante. Os camaradas oficiais atribuíam a timidez à presunção, e a imperfeição ao desdém. Tendo tido poucas oportunidades de interação com os outros, Francisco Fernando nunca aprendera a disfarçar o que sentia; os acessos de mau feitio que em casa seriam ignorados com um sorriso eram deveras assustadores para os que esperavam um Habsburgo afável. O arquiduque detestava a falsidade e nunca tentou conquistar os camaradas. Isso viria

a tornar-se uma queixa habitual. Francisco Fernando carecia de um dos atributos mais valorizados na Áustria: o encanto.

O jovem arquiduque acompanhava os camaradas nos jantares barulhentos e nos concursos de bebida, mas não era capaz de abandonar completamente a hesitação natural. Todavia, o arquiduque teve as suas oportunidades de prazer. Francisco Fernando não era especialmente bem-apegoado; era demasiado magro, com orelhas proeminentes e olhos de pálpebras pesadas que o faziam parecer estar sempre prestes a acordar ou a adormecer. Jovem, privilegiado e pela primeira vez livre de guardiões, deparou-se com um mundo desconhecido pejado de tentações – as quais o irmão mais novo Otto se revelara profícuo em aproveitar.

Otto sempre fora um hedonista extravagante. Enquanto Francisco Fernando era reservado e discreto, Otto era todo ele jocosidade, tendo certa vez assinado o postal de um marinheiro enviado ao irmão com: «Oh la la do marinheiro!»<sup>28</sup> As pessoas chamavam-lhe «Otto, o *Bonito*», e as atenções subiram-lhe à cabeça. Tinha um forte pendor sádico e a sua «conduta andava nas bocas da cidade»<sup>29</sup>. Nunca faltavam histórias sobre Otto, talvez de veracidade questionável. Diz-se que terá deixado animais sem água durante dias, permitindo-lhes então que bebessem em excesso e morressem em agonia, ou que terá amarrado soldados nus a fogões quentes, ficando a observar a pele deles a queimar. Chegou mesmo a dizer-se que, certa vez, Otto matara acidentalmente um cadete militar, despejando-lhe brande pela garganta abaixo até que o jovem morreu de envenenamento pelo álcool.<sup>30</sup>

Francisco Fernando nunca se deixou encantar por tal depravação, embora tivesse sido estranho se não se tivesse envolvido em algumas situações. O arquiduque dançava, bebia e caçava com o irmão e com os camaradas oficiais. A par das diversões

públicas, havia ainda os encontros privados de natureza mais íntima. Francisco Fernando expressou, certa vez, grande admiração pelos dúbios encantos físicos da atriz Mizzi Caspar, uma mulher que partilhara o leito do primo Rodolfo, e é bem provável que uma cantora ou bailarina discreta o tenha apresentado aos mistérios do sexo.<sup>31</sup>

A 2 de julho de 1885, uma mulher chamada Mary Jonke deu à luz um filho chamado Heinrich. Dizia que Francisco Fernando era o pai, e em abril do ano seguinte tentou processar o arquiduque num tribunal local. Depois de algumas negociações, Francisco Fernando aceitou pagar-lhe 15 000 florins (cerca de 114 000 euros de 2013) para obstar futuras reivindicações. A 29 de agosto de 1889, Marie Hahn, de vinte e um anos de idade, empregada de balcão de uma loja de roupas de Praga, deu à luz um filho a que chamou Kurt. À semelhança de Jonke, Hahn insistiu em que Francisco Fernando era o pai. Um cortejo analisou a pretensão e aconselhou Hahn a não tentar levar o caso a tribunal, pois acabaria por perder; o dinheiro habsburgo comprou-lhe o silêncio.<sup>32</sup>

Um Habsburgo pai de filhos ilegítimos não era, de todo, caso para escândalo: até mesmo o imperador Francisco José o fizera. Nenhuma das alegações sobre Francisco Fernando pôde ser provada. É possível que as mulheres tenham realmente mantido uma ligação com o arquiduque, mas fossem ou não verdadeiras as acusações, Francisco Fernando não se podia dar ao luxo de se envolver com um processo judicial relacionado com paternidade.<sup>33</sup> Não obstante, os rumores sobre as suas aventuras dissolutas reforçaram os estereótipos negativos que sobre ele corriam em Viena. Num gesto um tanto ou quanto surpreendente, tendo em conta a sua própria reputação cada vez mais sórdida, Rodolfo, o primo de Francisco Fernando, veio ajudá-lo. O príncipe herdeiro sabia muito bem a forma como os boatos

se espalhavam pela corte imperial e modelavam as opiniões. Por mais distante que Francisco José muitas vezes se encontrasse, parecia estar sempre a par dos mais recentes escândalos familiares e conseguia ser bastante contundente nas suas acusações, tal como Rodolfo acabara por descobrir. Na esperança de salvar o primo de um destino semelhante, Rodolfo alertou Francisco Fernando para que este não passasse demasiado tempo afastado do regimento, dando largas aos seus prazeres. Ele deveria «aproveitar ao máximo a saúde, mas sempre de forma moderada e inteligente»<sup>34</sup>. O arquiduque não deveria «montar a cavalo e caçar demasiado cedo», algo que viraria o imperador contra ele.<sup>35</sup> Por vezes, até mesmo Francisco Fernando protestava. «Terás de admitir que Otto e eu somos tratados com injustiça», queixou-se a Rodolfo em 1888. «Se nos veem em caçadas ou se vamos a uns míseros bailes, desde logo se ouve um brado de indignação em Viena, na corte e nos círculos do exército por nos escusarmos aos nossos deveres.»<sup>36</sup>

Outros alertas chegaram do arquiduque Albrecht, o idoso disciplinador encarregado do exército imperial. Albrecht anti-patizava profundamente com Rodolfo e estava convencido de que nada de bom proviria da ligação de Francisco Fernando com ele. Rodolfo queixava-se constantemente dos «problemas e dissabores que tenho de suportar por causa dele»; se Francisco Fernando não tivesse cuidado, também ele seria vítima de admoestações inoportunas semelhantes.<sup>37</sup> Não que Francisco Fernando precisasse de fazer algo grave para merecer uma das cartas insultuosas de Albrecht. Este queixava-se de que Francisco Fernando era demasiado reservado com alguns cavalheiros idosos; Albrecht queixava-se de que Francisco Fernando se mostrava excessivamente íntimo com as jovens.<sup>38</sup> Pouco importava o que o arquiduque fazia, tudo parecia sempre estar errado. Francisco Fernando tentou ignorar a situação, mostrando-se

satisfeito em continuar com a sua rotina agradável e ordeira no futuro próximo.

Esse futuro alterou-se de repente na manhã de 30 de janeiro de 1889. Quando por várias vezes bateram à porta trancada do quarto do príncipe herdeiro Rodolfo na sua cabana de caça em Mayerling, ninguém lhes respondeu. Tentou evitar-se um escândalo: Rodolfo encontrava-se no local com a mais recente amante, a jovem e insípida baronesa Maria Vetsera. Finalmente, depois de horas de silêncio prolongado, um criado apreensivo arrombou a porta. Vetsera estava deitada na cama, com uma rosa vermelha agarrada nas mãos frias e um ferimento na cabeça; do outro lado da cama, cujos lençóis brancos estavam manchados de um vermelho horrível, jazia Rodolfo, com um fio de sangue a escorrer-lhe pelo canto da boca e o topo do crânio desfeito. Ele matara-a primeiro, concretizando um pacto de suicídio, ficara durante horas ao lado do corpo e, por fim, dera um tiro na cabeça.<sup>39</sup>

O que se passou em Mayerling foi profundamente melodramático, uma cena real retirada de um mau romance de cordel; pior do que tudo, foi de uma veia excessivamente burguesa. O suicídio do príncipe herdeiro Habsburgo católico deixou a corte imperial num estado de pânico. Começaram a circular boatos, mentiras e narrativas cada vez mais extravagantes, naquilo que foi uma tentativa de ocultar uma verdade desagradável que Viena acabaria por se ver obrigada a admitir. Na morte, Rodolfo teve a sua vingança final contra o pai intransigente que lhe negara qualquer papel e que nunca admitira a mais discreta mudança. Não se tratou apenas de um gesto de desespero e de depressão, mas também da expressão das ambições frustradas do jovem. Antes de se matar, Rodolfo escrevera cartas a explicar a sua ação: à mãe, à esposa, à irmã, mas nem uma única linha endereçada ao pai distante.<sup>40</sup>

As pessoas ficaram chocadas, mas ninguém se terá sentido tão perplexo como Francisco Fernando ao abrir o telegrama urgente naquele início de tarde.<sup>41</sup> Partiu para Viena e acompanhou o cortejo fúnebre do primo pelas ruas frias e miseráveis, com a consciência profunda de que a sua vida mudara para sempre. Alguns dias antes, Rodolfo apontara para ele e brincara: «Este homem que aqui vem será o imperador da Áustria.»<sup>42</sup> Na altura parecera absurdo, mas agora Rodolfo morrera; Isabel, a filha do falecido príncipe herdeiro, só viria a subir ao trono caso não houvesse Habsburgos varões elegíveis. Entre Francisco Fernando e o trono só se encontrava o pai, Carlos Luís.

Pesasse embora toda a sua dissolução, Rodolfo fora uma figura popular, dado a exibições animadas e conhecido pelas tendências liberais. As pessoas pouco sabiam acerca de Francisco Fernando. Surgiram comparações desfavoráveis, não só com Rodolfo, mas também com o popular, embora debochado, irmão Otto. Para quase toda a Viena, Francisco Fernando era «grave, severo e quase deprimente»; dizia-se que era um conservador tacanho e um fanático religioso, alguém cujo período no trono seria ominoso para toda a Áustria-Hungria.<sup>43</sup>

Ao sacrifício que foi o funeral seguiu-se o suplício do encontro com o imperador. De luto pela morte do filho, Francisco José teve de aceitar os factos e receber o homem que, na sequência da tragédia, ocuparia o seu lugar. Tio e sobrinho nunca tinham sido muito chegados e não se compreendiam mutuamente. Francisco José era conservador e tradicional. O mesmo era verdade quanto a Francisco Fernando – pelo menos naquela altura –, mas o tio imaginava que não fosse bem assim. Acreditava que o sobrinho albergava secretamente ideais liberais; tratava-se de um receio irracional, com base apenas em boatos suspeitos e na amizade de Francisco Fernando com o

malogrado Rodolfo. Sem conseguir ultrapassar os preconceitos pessoais, o imperador limitou-se a transferir a desilusão que sentia pelo falecido Rodolfo para Francisco Fernando, o arquiduque ainda vivo. Claro que Francisco José, sempre um bastião da tradição, se vergou ao destino. Afinal de contas, Carlos Luís tinha quase sessenta anos de idade, e embora pudesse viver mais alguns anos do que o irmão mais velho, não haveria dúvida de que teria um reinado curto. Seria inevitável que, um dia – talvez em breve –, Francisco Fernando subisse ao trono. Chegou mesmo a dizer-se que Carlos Luís tentou afastar-se da linha sucessória, mas o imperador, sempre em dúvida quanto às tendências políticas e ao temperamento do sobrinho, recusou.<sup>44</sup>

O encontro entre tio e sobrinho foi breve e desconfortável, tendo Francisco Fernando ficado com a nítida impressão de que o imperador o culpava pelo suicídio de Rodolfo. «É como se a estupidez de Mayerling fosse culpa minha», ter-se-á queixado após a reunião. «Nunca tinha sido tratado com tanta frieza. Parece que o simples facto de me ver lhe desperta recordações desagradáveis.» Francisco Fernando esperara ser elevado a herdeiro presumível em teoria, mesmo que não oficialmente, mas Francisco José recusou-se a fazê-lo. Era como se o reconhecimento de que o sobrinho se encontrava agora no lugar do filho falecido fosse uma admissão demasiado profunda, uma ferida excessivamente dolorosa. «Nunca saberei», diria Francisco Fernando, «se sou ou não herdeiro.»<sup>45</sup>

Francisco José não ficou impressionado. Durante o encontro queixou-se de que o sobrinho «estivera muito pálido e parecia sofrer de tosse crónica». Francisco Fernando não inspirava confiança. «Não o tenho em grande consideração», admitiu Francisco José. «Não há comparação com Rodolfo. Ele é *muito* diferente.»<sup>46</sup> Ainda ninguém sabia dizer até que ponto os dois

jovens eram diferentes. O tempo viria a revelar as forças e as fraquezas de Francisco Fernando, mas não seria apenas o sangue a unir os dois primos: ambos os malogrados herdeiros de Francisco José viriam a ser vítimas de balas.